

A DISLEXIA COMO DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

DYSLEXIA AS A LEARNING DIFFICULTY

Alexandra Mendes Nascimento França¹

RESUMO

Esse artigo tem como finalidade organizar os professores para que sejam capazes de identificarem a dislexia e interferirem dentro da sala de aula sobre os seus alunos, especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental, levando em consideração a importância do tema para o aperfeiçoamento da aprendizagem no dia-a-dia e também para melhorar o sistema de ensino que influencia de forma direta e indireta o rendimento do aluno. A dislexia representa um grave problema escolar para a qual todos os profissionais da educação estão cada vez mais conscientes que uma criança com dificuldades de leitura e escrita apresentará lacunas em todas as restantes matérias e a diminuição da autoestima; o diagnóstico da dislexia se realizado há tempo, contribui para a interferência, é considerada dislexia, psicopedagógica e a minimização dos efeitos da dislexia no aprendizado e desenvolvimento da criança disléxica. Como principais resultados têm-se muito para ser estudado e agir para o cumprimento do papel do professor e do psicopedagogo enquanto um profissional que opera no campo interdisciplinar da dislexia e ainda que os professores e os psicopedagogos saibam da existência da dislexia como uma dificuldade de aprendizagem, eles ainda necessitam de formação e qualificação que lhes favoreçam intervir pedagogicamente frente a essa questão. Esse trabalho foi embasado nos autores DAVIS (2017), FONSECA (2005), LUCZYNSKI (2018) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia. Intervenção Pedagógica. Intervenção Psicopedagógica.

ABSTRACT

This article aims to organize teachers so that they are able to identify dyslexia and interfere within the classroom on their students, especially in the early years of elementary school, taking into account the importance of the topic for the improvement of learning on the day. -to-day and also to improve the education system that directly and indirectly influences student performance. Dyslexia represents a serious school problem for which all education professionals are increasingly aware that a child with reading and writing difficulties will have gaps in all other subjects and a decrease in self-esteem; the diagnosis of dyslexia, if performed long ago, contributes to the interference, it is considered dyslexia, psychopedagogical and the minimization of the effects of dyslexia on the learning and development of the dyslexic child. As main results, there is much to be studied and to act in order to fulfill the role of the teacher and the psychopedagogue as a professional who operates in the interdisciplinary field of dyslexia and even though teachers and psychopedagogues are aware of the existence of dyslexia as a learning difficulty. , they still need training and qualifications that favor them to intervene pedagogically in the face of this issue. This work was based on the authors DAVIS (2017), FONSECA (2005), LUCZYNSKI (2018) and others.

KEYWORDS: Dyslexia. Pedagogical Intervention. Psychopedagogical Intervention.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Neuropedagogia Aplicada à Educação pela Fabec Brasil, Licenciada em Pedagogia pela UEG – GO e Bacharela em Serviço Social pela Unopar. **E-mail:** alexandra.mkv@hotmail.com. **Currículo lattes:** lattes.cnpq.br/75926459314881

INTRODUÇÃO

Atualmente há uma estimativa de que, no Brasil, cerca de 15 milhões de pessoas possui algum tipo de necessidade especial. As necessidades especiais podem ser de diversos tipos: mental, auditiva, visual, física, conduta ou deficiências múltiplas. Deste universo, acredita-se que, pelo menos, noventa por cento das crianças, na educação básica, sofram com algum tipo de dificuldade de aprendizagem relacionada à linguagem: dislexia, disgrafia e disortográfica.

Entre elas, a dislexia é a que mais se destaca e merece toda atenção por parte dos gestores de política educacional, especialmente pelos professores.

Nem todo professor está preparado para compreender as questões patológicas relacionadas a linguagem e tais patologias tem levado a dificuldades em lidar com aquelas que envolvem o processo de aprendizagem, sendo necessário esclarecer as diferenças entre as alterações pertinentes ao processo normal de aprendizagem e aquelas compatíveis com o distúrbio.

Saber que outra pessoa também tem dislexia é bom para a autoestima de todos os disléxicos pois sabem que terão a chance de comunicarem melhor com o outro que tem o mesmo problema. Se sentem importante saberem que o fato de terem um problema com leitura, escrita, ortografia ou matemática não significa que sejam burros ou idiotas.

A mesma função mental que dá origem a um gênio também pode originar muitos outros problemas. O lado mental que causa a dislexia pode ou não ser um dom, pode ser uma habilidade natural, um talento. Alguma coisa especial que diferencia a pessoa.

São pensamentos que tem como pretensão remover uma atitude menos excludente, em que o “diferente” seja considerado e atendido

adequadamente e não continue a aumentar os índices do fracasso escolar.

A convivência em sala de aula com crianças que apresentam distúrbio de leitura exige, inegavelmente, um nível de preparo mais específico do professor, que vai além dos níveis atuais. O professor precisa ter consciência da necessidade de se conhecerem as possibilidades e limites do portador de déficits de linguagem, procurando lhe ampliar o potencial.

Falar sobre a dislexia e suas funções e esclarece o que venha realmente é a aprendizagem, e a forma como ela acontece e sempre mostra as dificuldades encontradas nas crianças com dislexia. Os disléxicos têm grande dificuldade para ler palavras simples e também orações deixando clara a dificuldade que eles têm ao soletrar as palavras monossilábicas.

Quando a dislexia está no contexto escolar na alfabetização e a escola desempenha um papel fundamental no trabalho com os alunos que apresentam dificuldades de linguagem e escrita, tendo em vista que é no ambiente escolar que os sinais da dislexia começam a ser percebidos, pois é o local onde a leitura e a escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas.

CONCEITO DE DISLEXIA

Dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da Linguagem: em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão e cálculo matemáticos, como na linguagem corporal e social. Não tem como causa falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade, como nada tem a ver com acuidade visual ou auditiva como causa primária. Dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada em cerca de 80% dos disléxicos. (FBD, 2011)

Antes de qualquer definição, dislexia é um jeito de ser e de aprender; reflete a expressão individual de

uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente.

Entende-se por dislexia:

Um conjunto de sintomas reveladores de uma disfunção parietal (o lobo do cérebro onde fica o centro nervoso da escrita), geralmente hereditária, ou às vezes adquirida, que afeta a aprendizagem da leitura num contínuo que se estende do leve sintoma ao sintoma grave. A dislexia é frequentemente acompanhada de transtornos na aprendizagem da escrita, ortografia, gramática e redação. A dislexia afeta os meninos em uma proporção maior dos que as meninas (DROUET, 2018.p.34.).

A dislexia é uma disfunção, um problema, um transtorno, uma deficiência, um distúrbio. Refere a uma dificuldade de aprendizagem relacionada à linguagem, se transforma em um transtorno, uma perturbação, uma dificuldade estável, isto é, duradoura ou parcial e, portanto, temporária, do processo de leitura que se manifesta na insuficiência para assimilar os símbolos gráficos da linguagem. Também pode ser vista como sendo uma doença, porém, não se pode falar em cura. Ela é congênita e hereditária, e seus sintomas podem ser identificados logo na pré-escola.

A dislexia é distinguida devido à dificuldade na leitura, escrita (ortografia e semântica), matemática (geometria, cálculo), atraso na aquisição da linguagem, comprometimento da discriminação visual e auditiva e da memória sequencial, enfim no ensino aprendizagem.

Dislexia é um tipo de distúrbio de leitura que provoca uma dificuldade específica na aprendizagem da identificação dos símbolos gráficos, embora a criança apresente inteligência normal, integridade sensorial e receba estimulação e ensino adequados (DAVIS, 2017).

OS SINTOMAS DISLÉXICOS

Os dislexos possuem vários sintomas e cada um se manifesta de maneira diferente e sempre demonstrando dificuldade.

Segundo Ellis (2013):

Pode ser citada como alguns dos sintomas que aparecem em crianças disléxicas os seguintes: a falta de interesse por livros; dificuldade de montar quebra-cabeças; falta de coordenação motora; dificuldade de soletrar; dificuldade de aprender rimas e músicas; desatenção; dificuldade de manusear dicionários, listas e mapas; timidez excessiva, depressão; dificuldade nas aulas de matemática e desenho geométrico; dificuldade de copiar matérias do quadro-negro ou de livros; dificuldade de pintar desenhos e recortar papel; vocabulário pobre; dificuldade de identificar direita e esquerda, entre outros. (2013, p. 27).

A criança disléxica tem dificuldades em decodificar certas letras, este problema não se relaciona com o déficit cognitivo, e na maioria das vezes esses alunos possuem um QI totalmente de acordo com sua idade.

O aluno disléxico é comparado de maneira igual com todos os outros, porém, deve-se levar em consideração a falta dessa semelhança em relação às crianças, pois, cada uma pode expor os erros mais caracterizados e abordar a leitura de maneiras bem diferentes.

Por toda complexidade do que, realmente, é Dislexia; por muita contradição derivada de diferentes focos e ângulos pessoais e profissionais de visão; porque os caminhos de descobertas científicas que trazem respostas sobre essas específicas dificuldades de aprendizado têm sido longos e extremamente laboriosos, necessitando, sempre, de consenso, é imprescindível um olhar humano, lógico e lúcido para o entendimento maior do que é Dislexia (FBD, 2011).

O professor deve observar mais seus alunos para poder detectar aquele que possui certa dificuldade, que tem mais problemas referente ao aprendizado, a socialização com outras crianças

Sinal na pré-escola fique alerta se a criança apresentar alguns desses sintomas:

- Atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem.
- Dificuldade em aprender rimas e canções.
- Falta de interesse por livros impressos.

Devido à apresentação alguns desses sintomas citados, não quer dizer que a criança seja Dislexo; existem outros fatores a serem analisados. Porém, com certeza, ficaremos diante de um quadro que pede uma maior atenção e/ou estimulação.

Sinais de dislexia na idade escolar.

Para Lanhez (2016) estes são sinais importantes de dislexia na idade escolar:

- Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita;
- Trocas ortográficas ocorrem, mas dependem do tipo de dislexia;
- Problema para reconhecer rimas e alterações (fonemas repetidos em uma frase);
- Desatenção e dispersão;
- Desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita;
- Melhores resultados, nas avaliações orais, do que nas escritas;
- Dificuldade de coordenação motora fina (para escrever, desenhar e pintar) e grossa (é descoordenada);
- Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro;
- Problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica);
- Dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples, sentenças vagas;
- Dificuldade em manusear mapas e dicionários;
- Esquecimento de palavras;
- Problema de conduta: retração, timidez, excessiva e depressão;
- Desinteresse ou negação da necessidade de ler;

- Leitura demorada, silabadas e com erros. Esquecimento de tudo o que lê;
- Salta linhas durante a leitura, acompanha a linha de leitura com o dedo;
- Dificuldade em matemática, desenho geométrico e em decorar sequencias;
- Desnível entre o que ouve e o que lê. Aproveita o que ouve, mas não o que lê;
- Demora demasiado tempo na realização dos trabalhos de casa;
- Não gosta de ir à escola;
- Apresenta “picos de aprendizagem”, nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos e noutro, parece ter esquecido o que tinha aprendido anteriormente;
- Pode evidenciar capacidade acima da média em áreas como: desenho, pintura, música, teatro, esporte, etc;

FORMAS SIMPLES DE “DIAGNOSTICO”

A análise diferencial em Dislexia tem sido orientada devido aos sintomas e sinais típicos. Nos fatos menos rígidos, as dificuldades só passam a ser percebidos como dificuldades expressivas de exercício, em comum, pelo professor, tornando-se mais claros a partir do segundo ano do curso primário.

Contudo, quando as condições são muito delicadas, correm o risco de não serem analisados, embora, a falta do diagnóstico e da apropriada proteção psicopedagógica a esse disléxico pode vir a agravar os seus problemas sociais e também de aprendizado. E quanto mais graves ou rigorosas se apresentem tais dificuldades, elas podem ser entendidas, como sendo tendência ou risco a partir dos primeiros anos da vida escolar dessa criança, por seus pais, principalmente por sua mãe, e por seu professor.

A advertência de especialistas com base em estudos conclusivos mais recentes é de que, crianças que apresentam sinais característicos e passam a receber efetivo treinamento fonológico já a partir do jardim de infância e do primeiro ano primário, apresentarão significativamente menos problemas no aprendizado da leitura do que outras crianças disléxicas

que não sejam identificadas nem devidamente assistidas até o terceiro ano primário (FBD, 2011, p. 22).

A Dislexia não se distingue por dificuldades específicas de grupo, mas em ajustes e níveis individuais de facilidades e dificuldades de aprendizado; em Dislexia estão envolvidos fatores que solicitam a leitura de profissionais de diversas áreas da Educação e da Saúde com especialização eficaz, esse diagnóstico diferencial solicita o abalçamento de equipe multidisciplinar para ser equacionado.

Especialistas também esclarecem que o diagnóstico diferencial e o treinamento remediativo para o disléxico adulto deve seguir orientação idêntica àquela que é adequada à criança e ao jovem disléxico.

Para se improvisar um diagnóstico mais preciso sobre a dislexia deve-se verificar inicialmente a história familiar, se existe ou já existiu algum caso de dificuldade de aprendizagem e se na história desenvolvimento mental da criança ocorreu um atraso na aquisição da linguagem, As crianças ou adultos disléxicos pensam primariamente através de imagens e sentimentos, e não com sons e palavras, sendo assim bastante intuitivos.

A Dislexia é um dos distúrbios de aprendizagem que se expõe no momento como um dos problemas educacionais mais debatidos da atualidade, ou seja, no passado foi diagnosticada de maneira errada que no presente e no futuro, em alguns casos, este distúrbio passa despercebido, e passará a ser definido como objeto de estudo.

Laurent (2019), diz que é muito frequente nas falas dos profissionais que trabalham com educação, o procedimento “distúrbios de aprendizagem”, que vem a ser o conceito de uma disfunção cerebral mínima (DCM), e têm como demonstrações alterações no comportamento ou na percepção, inconstância no humor, agressividade, hiperatividade e outros; porém, qualquer uma dessas formas de manifestar, mesmo não sendo bem acentuado, qualquer um dos sinais é

satisfatório para considerá-lo como sendo uma disfunção. Dessa forma, qualquer criança que apresente dificuldade se encaixa nessa análise.

Para diagnosticar a dislexia é indispensável uma análise quantitativa e qualitativa das atividades tanto da fala, da escrita e também da parte motora.

O diagnóstico pode ser feito através de ditados e na produção de textos.

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NAS CRIANÇAS COM DISLEXIA

Os disléxicos têm grande dificuldade para ler palavras simples e também orações deixando clara a dificuldade que eles têm ao soletrar as palavras monossilábicas.

Os disléxicos, sejam criança ou adulto invertem as palavras de jeito total ou parcial, como exemplo a palavra casa é lida “saca”. Não é uma brincadeira ou jogo de palavras, o disléxico não consegue ler da maneira correta.

É só observar a produtividade morfológica ou sintagmática dos léxicos de uma língua, uma outra coisa é, sem intencionalidade, a criança ou adulto trocar a sequência de grafemas. Invertem as letras ou números, por exemplo: /p/ por /b/, /d/ por /b /3/ por /5/ ou /8/, /6/ por /9/ especialmente quando na escrita minúscula ou em textos manuscritos escolares. Assim, é patente a confusão de letras de simetria oposta, a ortografia é distorcida, podendo estar ligada a chamada consciência fonológica (alterações no processamento auditivo)

Até mesmo ao copiar as palavras eles fazem de maneira errada, mesmo estando olhando no quadro-giz ou no livro como são escritas corretamente.

Geralmente as professoras chegam a ficar desesperadas quando veem que eles copiam ou leem de maneira contraria, mas é preciso que compreendam que o processamento da informação léxica é de ordem cerebral e deve estar invertida ou é deficiente.

Mesmo as crianças disléxicas conhecendo o texto ou a escrita, elas usam outras palavras, de maneira inconsciente. Trocam as palavras quando lêem ou escrevem, por exemplo: panela por caçarola, ou seja, veem o objeto e fazem a ligação do mesmo com o nome.

Os disléxicos têm falha na construção gramatical, especialmente na elaboração de orações complexas (coordenadas e subordinadas) na hora da redação espontânea (ALMEIDA, 2019, p. 41).

DIFICULDADES DE LEITURA EM CRIANÇAS COM DISLEXIA NO DESENVOLVIMENTO

Segundo Almeida, (2019) “Os distúrbios de leitura e escrita atingem, de forma severa, cerca de 10% das crianças em idade escolar. Se forem considerados também os distúrbios leves, este percentual chega a 25%”.

A avaliação de distúrbios de leitura é dos trabalhos mais frequentes de psicólogos, psicopedagogos e profissionais. Portanto, é que o profissional tenha conhecimento sobre os vários tipos de distúrbios sobre leitura, e que também seja capaz de conduzir o diagnóstico diferencial entre eles e que fundamentado neste diagnóstico, possa realizar a intervenção adequada.

Conforme descrito por Laurent (2019),

O distúrbio específico de leitura é geralmente chamado de dislexia nos países de língua francesa e de distúrbios de leitura (reading disability) nos países de língua inglesa. Apesar das divergências quanto ao nome da síndrome, há uma razoável concordância sobre sua definição. (2019, p. 19).

A dislexia é conhecida como sendo o distúrbio onde a criança, mesmo tendo acesso à escola, ela tem dificuldade em apanhar as habilidades de leitura, escrita

e também soletração que seriam esperadas, de acordo com seu desempenho intelectual.

Segundo a definição no National Institute of Health americano,

A dislexia é “um dos vários tipos de distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, geralmente refletidos habilidades de processamento fonológico deficientes. Essas dificuldades em decodificar palavras isoladas são frequentemente inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas e acadêmicas, elas não são resultantes de um distúrbio geral do desenvolvimento ou de problemas sensoriais.” (THE ORTON DYSLEXIA SOCIETY, 1995 p. 44).

Para que diagnóstico da dislexia do desenvolvimento seja feito, é preciso que a presença de outros sintomas seja excluída.

A dislexia se diferencia através de um distúrbio na linguagem expressiva e/ou receptiva que não pode ser imposto devido ao atraso geral do desenvolvimento, distúrbios auditivos, e também as lesões neurológicas importantes tais como paralisia cerebral e epilepsia ou distúrbios emocionais.

Além da dislexia do desenvolvimento, anteriormente descrita, há a dislexia adquirida, também denominada de alexia. Nas dislexias adquiridas, a perda da habilidade de leitura é devida a uma lesão cerebral específica e ocorre após o domínio da leitura pelo indivíduo. Nas dislexias do desenvolvimento, ao contrário, não há uma lesão cerebral evidente, e a dificuldade já surge durante a aquisição da leitura pela criança. A divisão clássica dos tipos de dislexia foi feita com base nos quadros de dislexia adquirida, e baseia-se em qual etapa, ao longo do processamento de informação, está afetada (MORAIS, 2018 p.29.).

De acordo com Frith (2017), este processamento da informação escrita pode acontecer através de três estratégias: a logo gráfica, a alfabética e a ortográfica.

Na logo gráfica, a leitura e a escrita ainda são principiantes, pois se diferenciam pelo uso de pistas contextuais e não linguísticas. Sem tais pistas, o reconhecimento não acontece. As cores, o fundo e a forma das palavras são algumas das pistas utilizadas para a leitura logo gráfica. É uma tática, onde o leitor inclui a palavra com seu contexto específico e a palavra é ajustada como se fosse um desenho.

Enfim, na estratégia ortográfica, os níveis lexicais e morfológico são distinguidos sem precisar da conversão fonológica, de maneira que a leitura se diferencia através do processamento visual direto das palavras.

Nesta fase, a criança tem acesso direto ao sistema semântico a partir da representação ortográfica, isto é, o leitor já tem um léxico mental ortográfico, e pode ligar a palavra escrita diretamente com o seu significado, fazendo uma leitura competente. E tornando possível fazer a leitura de palavras irregulares.

São estratégias não são mutuamente excludentes e podem coexistir simultaneamente no leitor e no escritor competente. A estratégia a ser utilizada, em qualquer dado momento, depende do tipo de item a ser lido ou escrito, sendo influenciada pelas características psicolinguísticas dos itens, tais como lexicalidade, frequência, regularidade grafo-fonêmica e comprimento (MORAIS, 1995).

TIPOS DE DISLEXIA E SUAS DIVISÕES

São vários os tipos de dislexia conhecidos, pois segundo a visão da Neuropsicologia, a dislexia também pode ser uma definição neuropsicológica é que se encontram alterados os métodos periféricos e central.

As Dislexias Periféricas são originadas por um comprometimento no sistema de análise visual-perceptiva, enquanto que as centrais são originadas por comprometimento do processamento linguístico dos estímulos.

- **Dislexia de Superfície:** Caracteriza-se basicamente pela falha de leitura de palavras irregulares, em um comprometimento da via lexicalexia (OLIVER, 2017).

- **Dislexia Fonológica:** Caracteriza-se pela incapacidade para leitura de “não palavras” e habilidade para leitura de palavras reais, sugerindo danos ou lesões na via de conversão de grafema ou fonema. Os estudos realizados na intenção de correlacionar esta dislexia com substratos neuro anatômicas ainda não são conclusivos (OLIVER, 2017).

- **Dislexia Profunda:** Assemelha-se à dislexia fonológica, com igual bloqueio para leitura de não palavras, mas a diferença é que, nesta dislexia, há presença de paralexias semânticas e maior facilidade em leitura de palavras concretas e frequentes. Alguns pesquisadores creem que, nesta dislexia, existem lesões múltiplas no hemisfério esquerdo. Outro creem na possibilidade “de habilidades residuais do hemisfério direito no contexto de extensa lesão no hemisfério dominante” (OLIVER, 2017).

Nas Dislexias Periféricas, encontramos também três subdivisões:

- **Dislexia Atencional:** O indivíduo lê palavras isoladas, mas encontra dificuldade ou barreiras para ler várias palavras simultaneamente. Esse tipo de dislexia foi encontrada em pacientes com lesões no lobo parietal esquerdo (OLIVER, 2010).

- **Dislexia por Negligência:** É atribuída à lesão na região da artéria cerebral média do hemisfério direito (lobos frontal, parietal e temporal) e caracteriza-se por ausência ou dificuldade de leitura no campo visual contralateral à lesão cerebral.

- **Dislexia Literal ou Pura:** O indivíduo consegue ler letras individuais, mas apresenta (subentendido). Esta

dislexia está relacionada a lesões occipitais inferiores externas a esquerda (OLIVER, 2017).

Pela visão da Neuropsicologia, todas as dislexias, assim como outros distúrbios de aprendizagem, partem de uma lesão, sendo cada tipo em um ponto do cérebro e, a partir daí, o tratamento deverá ser voltado ao controle desta lesão. (OLIVER, 2017).

INTERVENÇÃO EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

A criança disléxica pode ser insegura ou demasiadamente vaidosa e devido ao seu problema escolar, ostenta uma atenção inconstante e não se interessa pelos estudos, pois não tendo motivação e nem tampouco curiosidade não haverá rendimento nos estudos.

Existem estratégias e também atividades que os professores dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos poderão usar para ajudar tanto a criança quanto o jovem com dislexia a ultrapassar as suas dificuldades de leitura. Essas estratégias são:

Na Língua Materna quando o aluno em nível da leitura silenciosa sabe apresentar os conhecimentos adquiridos e resumir o texto que foi lido; lê de maneira atenta, troca os sons, se esquece das palavras, fazendo com que não compreenda o texto; é punido devido à sua memória contígua e depara com dificuldades na decodificação;

Quando a leitura é feita de forma expressiva, lê oralmente com expressividade; não aceita as contraversões, as falhas e nem tampouco as confusões, os sons difíceis, as linhas que saltam; quando é perturbado pela emoção tem dificuldade.

Na ortografia quando o aluno faz ditado de palavras, ou de frases, mas confunde os sons e o sentido; mesmo que conheça as regras de ortografia, está com dúvidas e quando as vai aplicar já não sabe mais; sabe ler e compreender um texto, mas ao fazer a interpretação confunde, esquece-se letras, sílabas e até

palavras, se perde o que se refere à linha onde está, volta atrás e escreve duas vezes a mesma palavra, está sempre repetindo; demora tanto tempo a voltar ao texto que esquece o que já escreveu; para ele a cópia é o pior castigo que possa existir.

Nessa situação o professor deve:

- Só deverá considerar os erros ortográficos nos ditados ou em exercícios de ortografia (no caso da regra aprendida, não nas outras palavras);
- Fazer contratos com a criança quanto ao número de erros ou à natureza dos mesmos. Por exemplo: “Hoje não quero erros no a/à, mais tarde, pedir-lhe que faça o acordo dos plurais simples;
- Se bloqueia na escrita, deve encorajá-lo a escrever textos pessoais dizendo-lhe que a ortografia não será avaliada (por exp.: pedir-lhe para inventar uma história de quatro linhas, diferente todos os dias, em vez de lhe dar exercícios gramaticais, durante um determinado tempo);
- Dividir o texto e acentuar as referências visuais;
- Permitir-lhe sublinhar ou fazer marcas no texto;
- Ajudá-lo na sua forma de “fazer” (ou palavra a palavra ou então letra a letra). Na Gramática quando o aluno identifica frases e tipos de frases; distingue grupo nominal e verbal, nome, adjetivo, determinante, gênero e número, mas não compreende o vocabulário mais formado; confunde, por exemplo, “palavra” e “nome”.

O professor deve:

- Simplificar as instruções (torná-las progressivamente mais complexas);
- Aceitar que ele só aprenda parte de uma regra gramatical;
- Evitar fazer o aluno decorar regras do gênero: “O adjetivo qualificativo qualifica o nome”, neste caso a palavra não tem sentido;
- Evitar explicações tais como: O adjetivo pode suprimir-se, o disléxico pode suprimir tudo, para ele qualquer problema;

- Averiguar se o disléxico compreende e distingue o sentido dessas palavras.

Na conjugação quando o aluno distingue passado, presente e futuro; faz a concordância do verbo; faz conjugações, mas mostra dificuldades com frequência na orientação temporal. Nesse caso o professor deve:

- Não contabilizar os erros nos sons ou os erros de ortografia, se escreveu corretamente a terminação e se fez a concordância;
- Orientá-lo na identificação dos indicadores de tempo, ajudá-lo e pedir-lhe para sublinhá-los;
- Ensinar-lhe os verbos menos complexos ao nível da ortografia e que sejam mais vezes utilizadas para que possa encontrar mais facilmente a terminação

No referente ao Vocabulário, quando o aluno encontrar palavras da mesma família, antônimos, distinguir os homônimos...; utilizar o dicionário; colocar palavras por ordem alfabética; porém, se embananar com os sons o que causa confusões de sentido (perfeito/prefeito, erupção/irrupção, há/à/); Se encontrar dificuldade em localizar a palavra na página; dificuldades nas referências espaciais e temporais (antes, depois),

Nessa situação, o professor deve:

- Não contar os erros se a definição estiver correta;
- Ajudá-lo a buscar as palavras no dicionário e propor-lhe um alfabeto escrito que irá pôr no seu dicionário

Na expressão escrita, quando o aluno criar uma frase, ampliá-la, diminuí-la, pontuar; fazer um comentário, dar continuidade a uma frase ou uma história, ordenar e escrever um texto; porém, com o tempo, com as sequências mostra problemas; tem dificuldade em nortear-se no texto e entendê-lo; inibe perante a escrita devido às dificuldades.

Quando isso acontece o professor deve:

- Ajudá-lo a compreender o que lhe é pedido e a estruturar as suas ideias;
- Não deverá contabilizar os erros nem os sublinhar.

Na escrita quando o aluno escrever de maneira legível, fizer a pontuação da maneira correta, colocar os acentos e as maiúsculas; mas na maioria dos casos é digráfico, não se sente à vontade com a escrita e não gosta de escrever; não respeita as grandezas devido à sua dificuldade de representação no espaço. Quando acontecer isso o professor deve:

- Insistir com os pais para vigiarem a forma como o aluno segura no lápis, visto a mesma ter muita importância na percepção dos ritmos (ponto fraco dos disléxicos);
- Retornar a esclarecer como acontece o curso das letras;
- Ser paciente face à sua grafia e ao seu lado desorganizado/confuso;
- Aceitar as rasuras (que são autocorreções) e a sua apresentação pouco cuidada;
- A página do caderno não pode ser arrancada.

Na composição, quando o aluno apresenta as mesmas dificuldades encontradas na expressão oral aparecem da mesma forma na escrita; mostra falta de respeito pela sintaxe; nível de língua exageradamente familiar; vocabulário principal e repetitivo; não utiliza os tempos verbais da maneira correta; falta de pontuação; acentuação deficiente; não sabe demarcar as diversas partes de um texto (introdução, desenvolvimento e conclusão), prender e estruturar cronologicamente o seu discurso; perde muito tempo com as dificuldades ortográficas;

Na matemática, quando o aluno mostrar dificuldades em ler enunciados com palavras complexas, como contíguos, circunscritas, paralelograma; opõe-se os signos, os algarismos, sem, entretanto errar os resultados; troca com frequência os sinais > e <; manifesta dificuldades em seguir um raciocínio lógico; inverte as referências em geometria: em cima, em baixo, direita, esquerda; sempre confunde as letras que designam um ângulo ADC por ABC; possui problemas de visualização e não tem cuidado e nem tampouco rigor.

Nesse caso, o professor deve:

- Permitir que chegue a um resultado correto mesmo que o jeito de o fazer seja diferente do que foi ensinado;
- Sugerir uma reeducação lógico-matemática;
- Compreender que pode inverter os sinais, mas fazer um cálculo correto;
- Sempre lembrar que o resultado assim como o raciocínio valoriza os progressos e os sucessos;
- Ensinar-lhe a fazer desenhos e esquemas para a resolução de alguns problemas.

Cada disciplina tem a sua maneira de trabalhar e ajudar o disléxico para que ele esqueça as dificuldades que tem no que refere ao ensino aprendizagem.

A DISLEXIA NO CONTEXTO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO

O estudo dos problemas relacionados a leitura e a escrita, e também da dislexia, em particular, há tempos vem gerando o interesse de psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, neuropediatras e outros profissionais que se interessam por investigar os fatores incriminados no sucesso e/ou insucesso da aprendizagem e também do desenvolvimento

Segundo LUCZYNSKI

A função da escola é agir como suporte facilitando o desenvolvimento potencial acadêmico, social e formativo dos alunos. Entretanto, diversas vezes, se vê a escola excluindo-os pela falta de capacidade de saber trabalhar com eles. É necessário que os professores tenham a oportunidade de realizar cursos de formação continuada para promoverem a aprendizagem de educandos com diferentes dificuldades de aprendizagem (2018, p 27).

No momento a dislexia representa um grave problema escolar, para a qual todos os profissionais da educação estão cada vez mais conscientizados. Na pesquisa referente à dislexia e suas consequências, não se encontra muito conteúdo relacionado a indivíduos que se vê exposto às possíveis restrições decorrentes desse distúrbio. No dia-a-dia observa-se que a pessoa que convive profissionalmente ou no conjunto familiar com pessoas portadoras de dislexia, percebe-se que não existe êxito na vida escolar e isso pode originar dificuldades em outras instancias de suas vidas.

Além dos questionamentos mais formais, ligada a atividades que exigem as habilidades de leitura e de escrita, possuem as decorrências socioculturais que facilita o surgimento de comprometimentos de origem emocional.

LIMA enfatiza que:

As competências de leitura e escrita são consideradas como objetivos fundamentais de qualquer sistema educativo, pois constituem aprendizagens de base e funcionam como uma mola propulsora para todas as restantes aprendizagens. Assim, muito provavelmente, uma criança com dificuldades nestas áreas, apresentará lacunas em todas as restantes matérias, o que provoca um desinteresse cada vez mais acentuado por todas as aprendizagens escolares e uma diminuição da sua autoestima. (2019 p. 47)

Observando que os professores geralmente só percebem a dificuldade nos seus alunos sobre a aprendizagem na leitura e na escrita quando estão na alfabetização, percebe-se a necessidade de procurar encontrar o problema mais rápido possível e, ter o cuidado para que a dislexia não prejudique a aprendizagem da criança, isto é, o diagnóstico deve ser realizado assim que o aluno começa sua vida na escola.

Os resultados obtidos mostram que há ainda muito para estudar e agir para que o cumprimento do

papel do professor e do psicopedagogo enquanto um profissional que atua no campo interdisciplinar da dislexia.

Os resultados mostram também que mesmo que os professores e os psicopedagogos saibam que a dislexia dificulta a aprendizagem, eles precisam de formação e qualificação que lhes favoreçam intervir pedagogicamente e psicopedagogicamente com tal questão. Quanto à fundamentação teórica no campo da dislexia, esta já está relativamente avançada.

Lima (2019, p. 51), “coloca que é função da escola ampliar a experiência humana, portanto a escola não pode ser limitada ao que é significativo para o aluno, mas criar situações de ensino que ampliem a experiência, aumentando os campos de significação”. Do ponto de vista do desenvolvimento e da constituição de sentidos, só pode ter importância para a pessoa aquilo do qual ela tem pouca experiência e informação.

Portanto, o disléxico deve olhar e ouvir de maneira atenta, estar sempre observando os movimentos da mão quando escrever e prestar atenção aos movimentos da boca quando fala. Desta maneira, a criança disléxica associará a forma escrita de uma letra tanto com seu som como com os movimentos, pois falar, ouvir, ler e escrever, são atividades da linguagem.

Fonseca (2005. p. 17), esclarece muito bem isso quando diz que uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não pode aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais. Não podemos assumir atitudes reducionistas que afirmam que a dislexia não existe.

Realmente, a dislexia é mais do que uma dificuldade na leitura, ela nem sempre aparece sozinha, ela surge ligada a uma série de problemas que explicam uma deficiente manipulação do comportamento simbólico que se refere a uma conquista somente do ser humano.

Muitos autores têm defendido o método fonético como o mais adequado na alfabetização de disléxicos e não disléxicos. Os métodos fonéticos

favorecem a aquisição e o desenvolvimento da consciência fonológica que é a capacidade de perceber que o discurso espontâneo é uma sequência de sentenças e que estas são uma série de palavras que as palavras são uma sequência de sílabas (consciência silábica) e que as sílabas são um encadeamento de fonemas (consciência fonêmica), o que auxiliaria muito nas dificuldades dos alunos disléxicos.

Para ajudar o aluno disléxico em suas dificuldades, a escola deve encorajar, atender e também respeitar as capacidades e os limites da criança, estar sempre se informando para poder ajudar a criança em sua dificuldade, fazer com que o professor se mantenha familiarizado e sensibilizado com o assunto para que possa compreender e apoiar a criança, na sala de aula, reconhecer a necessidade de ajuda extra e desenvolver um clima de calma, para que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas e, até mesmo, repeti-las várias vezes se for necessário.

É importante, também, ter noção de que toda a comunidade escolar que estas “facilidades” dadas aos disléxicos, na realidade, simulam a única forma que este tem para competir em base de igualdade de condições com os colegas.

O estudo da dislexia, em sala de aula, tem como ponto de partida a compreensão, das quatro habilidades fundamentais da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. Destas, a leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa, e a mais diretamente relacionada com a dificuldade específica de acesso ao código escrito denominada “dislexia”. (PINTO, 2020).

A criança em idade escolar, a psicolinguística define a dislexia como sendo um déficit imprevisto na aprendizagem da leitura (dislexia), da escrita (disgrafia) e da ortografia (disortográfica) na idade em que essas habilidades já deveriam ter sido automatizadas. É o que se denomina “dislexia de desenvolvimento”.

Para ensinar crianças com distúrbios de aprendizagem, é preciso conhecer os processos educacionais. Tendo como resultado a importância da pré-escola, que é a época favorável para que se possa desenvolver a capacidade cognitiva da criança normal ou mesmo disléxica, através de métodos funcionais e fundamentados na psicologia, de Jean Piaget. É preciso aprovar os estágios de desenvolvimento mental da criança, sem pressa de alfabetizar, antes que ela esteja madura neurologicamente.

Para a criança disléxica, o método multissensorial aparece com o objetivo de trabalhar a criança, para que essa possa aprender a dar respostas automáticas duradouras (nomes, sons e fonemas) e também desenvolver habilidades tais como sequenciar palavras.

Na alfabetização, a introdução de cada letra, com evidência na sua relação com o nome/som e com a importância em dar a sua forma correta, torna o ensino sistemático e cumulativo, e deverá ser avaliado regularmente, de forma a verificar a sua eficiência.

A DISLEXIA NA ALFABETIZAÇÃO

É na escola, que acontece o aprendizado da leitura e a escrita e que são sempre utilizadas e, principalmente, valorizadas, que a dislexia aparece. Existem disléxicos que podem expor suas dificuldades em outros lugares e situações, mas nenhum deles se compara à escola.

Portanto, a dislexia pode ser percebida pelo professor durante o processo de alfabetização, e ele deve avaliar muito bem as condições que a criança tem de responder ao seu programa de ensino apoiado, sempre que possível, pelos demais profissionais responsáveis por essa tarefa.

Diante de um quadro de dislexia, através de atividades pedagógicas do dia-a-dia, o profissional da educação percebe que alguma coisa não está bem, e é obrigação da escola orientar a família da criança para

que procure ajuda especializada tendo em vista o diagnóstico multiprofissional e o tratamento do problema.

Para Muter (apud SNOWLING E STACKHOUSE, 2016), os profissionais da educação sentem mais segurança em trabalhar com crianças ainda pequenas que foram diagnosticadas precocemente e o professor tem um papel fundamental no auxílio para o diagnóstico, pois suas informações são utilizadas no processo de avaliação.

As suspeitas sobre o quadro de dislexia geralmente partem da família por parte dos pais, responsáveis ou até mesmo por indicação do professor como representante da escola. Sobre o papel da família e da escola ambas são corresponsáveis pelo aprendizado eficaz do disléxico.

Na opinião de Sanchez (2017), deve existir uma rede em sintonia entre, escola, família e os profissionais do grupo multidisciplinar envolvidos no acompanhamento do disléxico tanto relativo aos instrumentos globais quanto aos específicos, pois todos contribuem para avaliação do progresso e reconhecimento das dificuldades.

A família deve ter informação completa sobre o problema e ser orientada a lidar com esta situação, os pais ou tutores são os principais responsáveis pela ligação entre os especialistas e a escola, é necessário que haja confiança recíproca entre as partes envolvidas.

Os especialistas também devem estar em contato com a escola e com o professor, e também cientes da proposta pedagógica da escola, tanto o fonoaudiólogo quanto o psicopedagogo poderão orientar o professor a executar os ajustamentos pedagógicos em função da evolução do quadro do disléxico.

O Psicopedagogo pode intervir através de tratamento que é feito através de intervenções explícitas e intensivas em leitura, que demoram de acordo com o tipo de dislexia. O objetivo não é

alfabetizar, pois esta é uma função do professor. O psicopedagogo irá explorar atividades de aprendizagem com o objetivo de promover o desenvolvimento em leitura e escrita do aprendente disléxico.

O DISLÉXICO E A ESCOLA

A escola desempenha um papel fundamental no trabalho com os alunos que apresentam dificuldades de linguagem e escrita, tendo em vista que é no ambiente escolar que os sinais da dislexia começam a ser percebidos, pois é o local onde a leitura e a escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas.

Braggio (2018) aponta que:

A experiência tem demonstrado a necessidade de se manter a comunidade educativa permanentemente informada a respeito da dislexia. Informações sobre eventos que tratam do assunto e seus resultados, desempenho dos alunos portadores de dislexia, características da síndrome, maneiras de ajudar o aluno disléxico na escola, etc.(...)Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial. Alunos disléxicos têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles. Essa troca de humores e de saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade. (2018, p. 40)

Portanto, percebe-se a necessidade da comunidade escolar manter-se sempre informada sobre a dislexia, a maneira de garantir uma educação de qualidade, garantindo aos mesmo um espaço adequado para troca de experiências, onde possam se sentir a vontade e não ter vergonha de suas limitações. É importante que o professor desenvolva metodologias que também possam integrar os alunos disléxicos com os demais colegas, facilitando assim o seu trabalho e trabalhando a inclusão..

Segundo a AND (Associação Nacional de Dislexia) o disléxico tem uma história de fracassos e cobranças que o fazem sentir-se incapaz. Motivá-lo, exigirá de nós mais esforço e disponibilidade do que dispensamos aos demais; não receie que seu apoio ou atenção vá acomodar o aluno ou fazê-lo sentir-se menos responsável. Depois de tantos insucessos e auto-estima rebaixada, ele tende a demorar mais a reagir para acreditar nele mesmo;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que a dislexia é um transtorno de aprendizagem que tem como causas atualmente estudadas, a genética e neurológica, ou seja, os últimos trabalhos a respeito da dislexia assinalaram que existem processos cognitivos e psicolinguísticos que se desenvolvem na etapa pré-escolar e que são decisivos para o aprendizado da leitura na criança.

Fundamentado nas informações sobre a Dislexia apresentadas neste estudo, o professor será capaz de identificar em seus alunos o distúrbio de aprendizagem em questão, para tomar as devidas providências dentro da sala de aula e com a família do disléxico, podendo contar com a ajuda da intervenção psicopedagógica e de outros profissionais como: fonoaudiólogo, neuropediatras, psicólogos educacionais e clínicos, e linguistas. Todos eles têm seu papel no manejo das crianças com dificuldade na linguagem escrita e falada.

A escola e o professor devem flexibilizar o planejamento das aulas com novas maneiras de facilitar a aprendizagem do aluno disléxico, promovendo, contudo, o desenvolvimento de algumas habilidades para que este possa saber lidar com suas dificuldades, tais como: habilidade corporal, lateralidade, noção direita-esquerda, orientação espacial e temporal, ritmo e outros, e ter uma vida melhor, sem angústias e medos.

Tanto a família quanto o professor devem buscar formas que facilitem a aprendizagem na escola pela criança, o estabelecimento de horário para as atividades do dia-a-dia, ajudar a organizar o material escolar e as roupas a fim de diminuir a ansiedade do disléxico.

E para que aconteça o aprendizado do disléxico é preciso que cada vez mais os profissionais da educação se dediquem ao estudo, não somente, deste distúrbio, mas também de todas as dificuldades de aprendizagem e, se empenhem na busca de formação especializada para a intervenção apropriada dentro da escola e da sala de aula, visando a inclusão destes alunos no ambiente escolar e social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Ferraz de. **O aluno e suas necessidades**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2019.
- BADDIO Antoni Dias. Entendendo as necessidades especiais. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018
- CORREIA, L.M. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. Porto, Porto Editora.2007.
- COLL, César PALACIOS, Jesus e MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 vol.3.
- CONDEMARIN, Mabel; MARLYS, Blomquist. **Dislexia: Manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.
- Dec.-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro. DR, I Série-A.
- DROUET, Ruth C. da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. 4ªed. São Paulo: Ática, 2018.
- ELLIS, Andrew W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. 2. ed. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas. 2013.
- FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.
- IAK, Fátima Ali Zahra. **Um estudo sobre os sentidos atribuídos ao aprender por pessoas com dislexia**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Marcos, São Paulo, 2004.
- LANHEZ, Carlos Rodrigues. **Dislexo e aprendizagem**. São Paulo: Plexis Editora, 2016
- LAURENTI, Luca. **Desvendando a dislexia**. São Paulo: EDICON, 2018.
- LIMA, Maria Sanches. **Dislexia e o aprendizado**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018.
- LUCZYNSKI, Zeneide Bittencourt. **Dislexia: você sabe o que é?** Curitiba: 2018.
- MASSI, Gisele. **A dislexia em questão**. São Paulo: Plexis Editora, 2007.
- MORAES, A.M.P. **Distúrbios da aprendizagem: Uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 2018.
- MUTER, in: SNOWLING, Margarete; STACKHOUSE, Joy et al. **Dislexia, fala e linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- OLIVER, Francine. **Educação e ensino especial**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas,2017.
- RIBEIRO, A.B. e Baptista, A.I. **Dislexia: Compreensão, Avaliação e Estratégias**. Coimbra, Quarteto.2006.
- PINTO, Antônio Amaral. **Buscando compreender a dislexia e suas complicações**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas,2020.
- SANCHEZ, E. **Estratégias de Intervenção nos problemas de leitura** - in COLL, PALACIOS, MARCHESI (Org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2007.
- STACKHOUSE, Jose. e SNOWLING, Marta. (2004). **Dislexia, Fala e Linguagem**. Porto Alegre, Artmed.2004.